

Questão de sobrevivência

2 GLCBO

29 JUN 1988

STELLA FONSECA

O museu brasileiro busca hoje, mais que nunca, novos rumos. Parece claro que já se esgotou aquele velho filão do museu-curiosidade, do museu-espetáculo do exótico, do museu-caixa (sem surpresa) de antiguidades.

A ausência do público já seria um alerta para aqueles que ainda vêem o museu desta maneira ou para aqueles que insistem em se iludir com números, às vezes impressionantes, de visitantes ocasionais. Pensa-se, neste instante, naquele visitante fortuito que, tendo comparecido uma vez a um determinado museu, jamais retorna porque "já viu este museu".

O afastamento das pessoas e da comunidade da instituição museu é fato inegável. Assim, redefinir o museu, sua natureza e seus objetivos é mesmo uma questão de sobrevivência para esta instituição. Mas o imobilismo que caracteriza a grande maioria de nossos museus — principalmente os maiores — leva a crer que perderam eles a capacidade de repensar seus próprios destinos. Enclausuram-se, retrancam-se, voltam-se para dentro numa espécie de autodefesa insensata como se não pudessem resistir a qualquer corrente renovadora de ar.

Sinais animadores de que este panorama pode vir a mudar já são emitidos por alguns museus brasileiros. De fato, embora ainda representem casos isolados, localizados, há museus que mostram não apenas não-resistência a mudanças mas, ao contrário, busca consciente e séria de novos caminhos. Nos novos rumos que o museu hoje procura, é patente que seu destino natural — e por que não dizer sua sobrevivência — é a Educação. São inesgotáveis as possibilidades educativas de um museu, qualquer que seja seu acervo, porte ou abrangência. Basta para tanto que seus profissionais parem de se lamuriar — como é seu hábito — e comecem a ver que têm em suas mãos manifestações/criações do ser humano, isto é, expressões concretas da cultura de um povo. E não é essa a grande dificuldade do sistema formal de ensino, o profundo divórcio entre programas e currículos e a realidade cultural do educando?

Nessa perspectiva, o museu tem, portanto, condições privilegiadas para detonar processos educativos, com nítidas vantagens sobre o sistema formal. Colocada a questão em outros termos: o museu detém expressões da cultura de um povo, portanto, tem em suas mãos a matéria-prima da educação: a cultura.

É óbvio que não se pensa na substituição da escola pelo museu. São instituições de especificidades distintas. O preconizado aqui é que seja utilizado o potencial educativo do museu de modo a transformá-lo numa agência alternativa de educação, ou num laboratório de experiências educacionais, pois que tudo num museu favorece essas duas vertentes. E, repare-se, uma não exclui a outra.

Esta perspectiva fundamenta-se nos números cada vez mais alarmantes de crianças que, de acordo com os princípios constitucionais, deveriam estar sendo atendidas pelo sistema formal de ensino e que, no entanto, estão marginalizadas. Ao museu, com seu espaço aberto, sem compromisso com números, programas e currículos, cabe um papel importante a ser desempenhado junto a esta faixa da população. Afinal, já se tornou redundante dizer que a educação brasileira está em crise, que não há argumento econômico que justifique tal situação. Ao contrário, a criança brasileira está a clamar que toda agência de natureza educacional arregasse sua mangas e entre nesta luta. É uma situação emergencial.

Não há justificativa de nenhuma natureza que impeça que todas as agências educativo-culturais, inclusive o museu, se engajem nesta batalha. É o museu contribuindo para que seja reconhecida a cidadania de milhões e milhões de jovens brasileiros a quem, desde cedo, já estão sendo negados alguns de seus direitos mais essenciais. Falta apenas neste momento decisão política. A situação emergencial da educação está a exigir que todas as instituições de natureza educativa, inclusive o museu, se engajem nesta batalha pelo resgate do direito à Educação.

A outra vertente possível de sua ação — museu como centro de experiências educacionais —, se percorri-

da, pode vir a ter o sistema formal como seu grande beneficiário. Sem compromisso com grandes números, tendo a cultura como objeto de seu trabalho, sem amarras programáticas e curriculares, pode o museu se construir num laboratório de experiências, desenvolvendo projetos educacionais experimentais e empregando tecnologias de ponta (o que não quer dizer sofisticadas e distantes de nossa realidade), de modo a contribuir para que a escola saia da crise em que há anos se acha enrolada. Outro caminho possível para que o museu saia do desvio em que se encontra e, ao mesmo tempo e principalmente, ocupe de vez seu devido lugar no sistema educacional brasileiro refere-se à educação de adultos. Milhões de brasileiros não completaram sua escolaridade obrigatória e a outros tantos milhões, ao saírem da escola, não são mais oferecidas possibilidades educacionais. O museu com seu potencial educativo praticamente infinito tem, sem dúvida, um papel fundamental nessa área. Basta querer assumir.

Tudo isso não é só possível, mas se impõe pelo quadro perverso que aí está. Um museu brasileiro tem um custo bastante elevado para a população e, assim, não pode continuar a ser apenas uma casa de espetáculo. Sua ação precisa redundar em benefícios para esta população que o custeia. O museu-caixa de antiguidades talvez encontre razões de ser num país do Primeiro Mundo. Mas, no Brasil, continuar a ser uma casa para privilegiados ou visitantes ocasionais passa a representar um caso de apropriação indébita.

Contribuindo para que a escola saia da situação crítica em que foi colocada, oferecendo alternativas educacionais a crianças não absorvidas pelo sistema formal de educação, representando uma agência de educação de adultos, definindo-se como uma autêntica força do sistema educacional, pode o museu brasileiro resolver seu problema de distanciamento do público e até mesmo encontrar razões para continuar vivendo.